

TXD

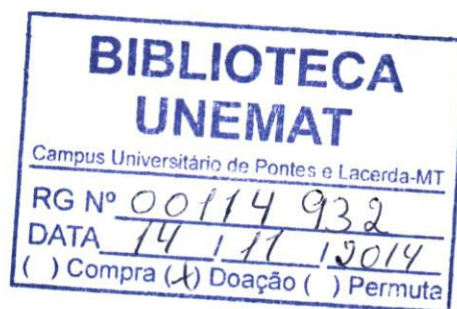
7322

813225
92593549

ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Gustavo Vieira do Nascimento de Lima

**A REVISTA VEJA NA HISTÓRIA - ON-LINE:
DISCURSO E HISTORICIDADE**



Pontes e Lacerda-MT
2012/1

**Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
Instituto de Linguagem
Campus de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras**

Gustavo Vieira do Nascimento de Lima

***A REVISTA VEJA NA HISTÓRIA - ON-LINE:*
DISCURSO E HISTORICIDADE**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção
do título de **Licenciatura Plena em Letras**.

Orientadora: **Prof. Dr^a. Eliana de Almeida**.

Pontes e Lacerda – MT, abril de 2012

Prof.^a Dra. Eliana de Almeida
Orientadora

Prof.^a Dra. Leila Salomão Jacos Bisimoto
Convidada

Prof.^a Dra. Olímpia Maluf Souza
Convidada

DEDICATÓRIA

Pela relevância e não pela praxe - á Deus;
A Mãe pela vida dedicada a 'mim' e a família;
Aos professores que para além do educar, dedicaram suas
vidas ao saber e me trouxeram aqui;
Aos amigos que se transformaram em irmãos;
Aos escritores e poetas abridores de universos;
Aos Amores vividos, que me fizeram 'sentir' as tensões
próprias da poesia mais exclusiva do 'ser',
A Vida ...

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta etapa de minha formação intelectual e profissional, faz-se jus aqui, lembrar daqueles que estiveram envolvidos diretamente nesta caminhada, assim, não poderei simplesmente citá-los, sem aludir as graças que os consagram como agentes essenciais de minha história.

Silvana Vieira do Nascimento de Lima salvadora de minhas agonias, crises e fraquezas, trouxe-me a luz e a educação, por acreditar nos sonhos e muitas vezes ilusões de seu filho, passou noites ao lado dele, dizendo-lhe *“filho você é capaz”*, ponto de equilíbrio sentimental e, mesmo no cansaço, nas decepções, frustrações fizera a parceria, compreensão, amor e amizade reinar em seu lar. Assim, crescemos juntos, ela aprendendo a ser MÃE e eu a ser filho e amigo, por seu exemplo a todos nós, é que agradeço a família.

Ainda elenco o fato de que na grande nau da vida, ninguém rema sozinho, até chegarmos do outro lado da linha imaginária que delimita o horizonte de nossos sonhos, encontramos irmãos, nos quais descobrimos amor fraternal, sendo estes capazes de tomarem nosso fardo, quando já não podemos caminhar, na maioria das vezes se sobrecarregando, só para não nos deixar cair, deste modo, por estarmos a muito tempo ombro a ombro, agradeço vocês queridos irmãos/amigos à Aguinaldo Ferreira, Aliff de Paula Maluf, Alex Divino Rocha de Deus, Ana Paula, Aniele Alves, Aryadne Miranda, Audeir Rodrigues de Freitas, Aurides da Cunha, Cheiene Oliveira, Cristina Rondon, Elis Regina, Felliipe Ferreira Barbosa, Geversson Martins de Souza, Gilberto Franco, Gilson Freitas, Igor Siqueira Mariano, Jair Otis Teixeira, Jaredi Gonçalves, José Luiz dos Santos, José Paulo Adriano, Juliana Zarzenon, Liomarques Soriano Barbosa, Marli Santa, Raquel Paixão, Rosana Florindo e Weverton Ortiz..

Não podendo deixar de estender minha felicidade e agradecimentos em nome de minha orientadora, a professora doutora Eliana de Almeida, a todos os profissionais da educação, que foram além de educadores: Amigos e críticos – verdadeiros, que deste o primeiro pegar em um lápis, até o concluir deste trabalho monográfico – acreditaram, motivaram e possibilitaram, por isso, hoje, tudo que se inscreve a baixo é antes fruto de vossas mãos valorosos guerreiros, por tanto, a vocês futuros colegas muito OBRIGADO.

SUMARIO

Introdução	07
Um Lugar Teórico Para Pensar o Discurso da História	09
A Revista Veja Sob Um Olhar Descritivo	16
Uma Leitura Discursiva	19
Considerações Finais	26
Referências Bibliográficas	27
Anexos	29
Anexo I	30
Anexo II	31
Anexo III	32
Anexo IV	33
Anexo V	34
Anexo VI	35

Introdução:

... os homens fazem a história,
mas não a história que eles querem ou acreditam fazer
(PÊCHEUX, 1995, pág. 295)

Pela Análise do Discurso com base em Michel Pêcheux (1990), além de Orlandi (2005), buscarei compreender alguns efeitos de quebra e rompimento do discurso historiográfico em funcionamento na linguagem eletrônica e suas possibilidades de produzir sentidos através de um fazer história na modernidade.

Será o *corpus* deste trabalho a edição eletrônica da *Revista Veja na História - on-line*, em cujo espaço virtual os editores da revista mobilizam diversos tipos de arquivos como imagens, áudio e matérias exclusivas, do período da Segunda Grande Guerra Mundial, para evocar a memória e causar através de seu discurso direto e presente o “efeito” de atualização de acontecimentos históricos.

Tomamos o material lingüístico recortado, buscando compreender os deslocamentos de sentidos existentes possíveis do discurso historiográfico, que embora objetivo, depende primordialmente da representação subjetiva para existir.

Deste modo, buscamos aqui, compreender a constituição de um discurso da história, na/pela ficção propiciada pelas possibilidades de dizer que atualizam uma memória de arquivo no movimento parafrástico que conforme Orlandi (2005), apontaremos este rompimento do ritual descritivo e objetivo da história enquanto ciência, expondo o paradoxo existente entre a objetividade e a subjetividade de se fazer esta ciência pela língua.

Portanto pretendemos compreender a constituição e o funcionamento do discurso historiográfico eletrônico da *Revista on-line Veja na História*, desnaturalizar as ideologias que permeiam o discurso científico da história, em detrimento de sua fronteira com a ficção, isto, tomando o discurso da história enquanto a linguagem nas formas de se fazer e dizer de uma ciência.

Objetivos estes que se justificam enquanto um recorte em Análise do Discurso (AD), teoria crítica da linguagem, no prefácio de *Princípios em Procedimentos*, Orlandi (2005) nos proporciona a possibilidade de compreender que todos estamos sujeitos à interpretação, à linguagem e a seus equívocos e opacidade. Como propõe a autora pela AD inscrevemo-nos em um universo que é simbólico, em que somos determinados pela história, pela ideologia.

Nessa perspectiva, observo a tensão existente entre língua e história, espaço contornado por Pêcheux (1990: 09) ao tentar delimitar os sentidos existentes neste discurso da história, como em: [...] *tem-se a passagem de um mundo a outro, a relação com o invisível é aí inevitavelmente colocada*[...] [...] *o conjunto constitui um só processo, contraditório, no qual se tramam as relações entre língua e história.*

Deste modo, esta pesquisa se destaca por tomar para análise um material lingüístico constituído sob efeitos de seus meios de produção, trazendo consigo a formulação de um discurso historiográfico e, ao mesmo tempo, ultrapassando os limites dessa ciência nos moldes convencionais. Quebrando o silêncio existente entre a objetividade científica e a subjetividade da linguagem, funcionando através da ficção.

Entendemos sob este viés que a linguagem constitui o discurso da História e mobiliza arquivos da memória discursiva para a produção de sentidos em seu discurso. No material selecionado, a objetividade científica é tomada pela subjetividade da linguagem em um processo de reescrituração do próprio discurso da história, cujo lugar se constitui através dos meios tecnológicos existentes. Estes atualizam o discurso, a memória da História pela/na língua, como uma outra forma de se apresentar o discurso memorialístico e descritivo desta ciência.

Com base nesses pressupostos, perguntamos pelo efeito de sentidos produzidos para essa História Descritiva na mídia eletrônica, à medida que produz o efeito de atualização sincrônica, simultânea, desta memória, portanto, da história.

UM LUGAR TEÓRICO PARA PENSAR O DISCURSO DA HISTÓRIA

Esta pesquisa, inscrita nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD), teoria fundada pelo francês Michel Pêcheux (1990) e desenvolvida no Brasil por Orlandi (2005), dentre outros colaboradores, visa compreender a História enquanto discurso. Para Michel Pêcheux (1990:8) a história das revoluções deriva de uma relação entre o que é visível e o invisível, entre o fato que aconteceu e aquilo que deveria acontecer, a não realização de algo, o impossível e até o presente e as diversas modalidades de ausências.

Portanto, podemos encontrar a teia dos conflitos que constituem discurso historiográfico, segundo Pêcheux (1990:8) [...] *onde o real vem se afrontar com o imaginário diz respeito também à linguagem, na medida em que ela especifica a existência do simbólico para o animal humano.*

Sendo neste caso a História tomada enquanto linguagem, pela AD, compreendemos conforme Pêcheux (1990:8), que é preciso considerar que *Toda língua está necessariamente em relação com o que “não está”, “o não esta mais” e o nunca estará” da percepção imediata[...] pois nela [...] se inscreve a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além do visível.*

Assim, Pêcheux (1990:9) afirma que [...] *a eficácia concreta das abstrações, inscrita no exercício da língua é marcada precisamente nos deslocamentos e disfarces que afetam a representação.* Por outro lado, Vasconcelos (2000:106), em seus estudos sobre a História sobre o pós-estruturalismo, afirma-nos que a partir de 1970, no cenário acadêmico de onde emana o discurso Historiográfico, difundia-se a ideia de que já não bastava ao historiador cumprir o rigor metodológico.

O que significa que já não era bastante a descrição do acontecimento histórico, mas que, o historiador teria que desenvolver outros modos de contar “uma boa história”, marcando um deslocamento na cadeia dos acontecimentos de linguagem que regem esta ciência a partir daí. Conforme Vasconcelos (2000:106) *Admitindo que, na escrita da História, a forma é tão importante quanto ao conteúdo, tornava-se conseqüentemente forçoso reconhecer um estreito parentesco entre historiografia e ficção.*

Para Michel Foucault (1999:346), ao discorrer sobre o homem e sua relação com a história, na contemporaneidade, compreende-se que neste momento do discurso da história ocorre a quebra da velha ordem discursiva de um fazer história, em que [...] *não é mais origem que dá lugar a historicidade; é a historicidade, que na sua própria trama deixa perfilar-se a*

necessidade de uma origem [...].

Isso que para Foucault (1999: 346) é ao mesmo tempo algo constitutivo da ciência, é, ao mesmo tempo, estranho, conforme:

Vértice virtual de um cone onde todas as diferenças, todas as dispersões, todas as descontinuidades, fossem estreitadas até formarem não mais um ponto de identidade, a impalpável figura do mesmo, com o poder estranho de explodir sobre si e tornar-se outra.

Foucault (1999:346) afirma ainda que, a partir da revolução intelectual do século XIX, o homem se constitui das correlações históricas que entenderemos aqui como *Leitura de seus Arquivos historicamente constituídos* sendo, através desta “leitura” que segundo Pêcheux (1997: 56) ao decorrer da história das idéias entre os séculos XVIII e XX, faz menção diretamente à Augusto Comte e à Era da Ciência, face aos romantismos, às filosofias da história e as disciplinas de interpretação, áreas que para fundamentarem suas “idéias” através de seu domínio.

E como denominou Pêcheux (1997: 56), também o tomaremos como *Discurso Textual lugar em potencial de um confronto violentamente contraditório*, funcionando pela/na língua em sua materialidade específica através da história *dissimulando o abismo que se criou desde a era clássica entre essas duas culturas que a tradição da escola universitária designa respectivamente como a “Literária e a Científica”*.

Para compreender este fazer história na modernidade através da língua, precisamos considerar que a constituição do material lingüístico recortado, dependeu essencialmente da leitura de arquivos que já estavam determinados a “significar” nos porões da ciência, através de um jogo com a língua trabalhando-a em sua materialidade específica “sintaxe” definida por Pêcheux (1997: 62) como:

Objeto de cálculo - nesta medida os objetos lingüísticos e discursivos se submetem a algoritmos eventualmente informatizáveis – mas simultaneamente ela escapa aí, na medida em que, o deslize, a falha e a ambigüidade são constitutivos da língua, e é por aí que a questão do sentido surge no interior da sintaxe.

O que permite segundo Pêcheux (1997: 62) que o homem seja capaz de jogar sobre o sentido isso porque, em sua essência, *a própria língua encobre esse “jogo” quer dizer o impulso metafórico interno da discursividade, pelo qual a língua se inscreve na história*. Para melhor compreender este movimento histórico existente pela/na língua, Orlandi (2005: 36) nos afirma que *o funcionamento da linguagem se*

assenta na tensão existente entre processos parafrásticos e polissêmicos. Para a autora:

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer. Produzem diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que a polissemia, o que temos de deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

A paráfrase está, para nós como ponto fundamental da leitura. Ela, pela/na língua, historicamente atualiza a memória dos arquivos, e ao logo das leituras que possibilita, desloca os sentidos pela polissemia, e, no discurso da história, o jogo possível da língua, assina outras possibilidades de dizer sobre materialidades “já constituídas”, surgindo como *velho truque de fantasmagoria, destinado a produzir para o público espectador, a ilusão de uma presença irreal* (PÊCHEUX, 1990, pág. 8).

É importante observar que, segundo Pêcheux (1997: 63),

O fato da língua foi, e permanece, consideravelmente subestimado em todos os projetos de leituras de arquivo. Seja por que as leituras de arquivo “literárias” tenham acreditado quitar suas dívidas no que concerne a lingüística, transpondo em seu próprio campo tal e tal conceito lingüístico [...] Seja por que ao contrário os práticos “cientistas” do tratamento de texto tenham si contentado em introduzir pequenos fragmentos de análise morfológica (ou mais raramente ainda sintática) em seus procedimentos; mas a obsessão explícita é de transpor mais rápido os obstáculos da “língua natural” para se livrar disso em proveito de quadros estatísticos de resultados, ou de micro universos lógicos aptos a colher os cenários conceptuais purificados da inteligência artificial.

Ao lado dessa compreensão em relação às rupturas do discurso pelo significante que falha, acrescento o texto *Ler o Arquivo Hoje*, de Pêcheux, para quem as formas de leitura dos arquivos constituem-se na história, sustentando as possibilidades de ser fazer ciência pela/na língua. Segundo Pêcheux (1997: 57) com a necessidade de informatizar/processar os discursos da ciência na modernidade, torna-se fundamental uma *descrição do trabalho do arquivo enquanto a relação do arquivo com ele-mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesmo*.

Sobre as diferentes possibilidades de leitura do arquivo/memória para Pêcheux (1997: 57) existe uma maneira de leitura, sem a qual, as outras provavelmente não existiriam, trata-se por tanto *deste enorme trabalho anônimo*,

fastidioso mas necessário, através do qual os aparelhos de poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva. Conforme Pêcheux (1997: 57) já existia desde a idade média, quando apenas alguns clérigos eram autorizados a ler, falar e escrever em seus nomes (logo portadores de uma leitura de uma obra própria)[...] sendo esta leitura não a “literal” como viam, mas sim, impondo ao sujeito leitor seu apagamento atrás da instituição que o emprega. Assim constituiu-se desde a Era Clássica até nossos dias sobre esta renúncia de toda pretensão de “originalidade”, sobre este apagamento de si na pátria silenciosa de uma leitura consagrada ao serviço de uma Igreja, de um rei, de um estado, ou de uma empresa.

Logo as questões inerentes à “arbitrariedade” da leitura do arquivo/memória/historicidade desde o Século XIX, de modo que para Pêcheux (1997: 57) os jogos interpretativos que inicialmente funcionavam *para fins estatais ou comerciais, supunha torná-los facilmente comunicáveis, transmissíveis e reproduzíveis[...]* expondo assim para o público/massa “leigo(a)” *as virtudes de ordem e seriedade, de limpeza e de bom caráter, relaxados desde o século XIX pela “democratização” do ensino.* Segundo Pêcheux (1997: 58), a partir deste período por uso/necessidade - *a questão da “objetividade” - dos procedimentos e dos resultados tornavam-se*, cruciais ao ponto que se referiam à fundamentação das idéias/princípios das ciências para humanidade, na tentativa de constituir-se arquivos “transparentes/rationais/ inquestionáveis” pela razão que impelia as metodologias de leitura de cada ciência. Cria-se aí o ponto de separação entre os dois grandes discursos, o “literato” e o “científico” como num divórcio cultural, segundo Pêcheux (1997: 58), não se trata de um simples *ACIDENTE*:

Esta oposição, bastante suspeita em si mesma por sua evidência, recobre (mascarando esta leitura de arquivos uma divisão social do trabalho de leitura, inscrevendo-se numa relação de dominação política: a alguns o direito de reproduzir leituras originais, logo “interpretações”, constituindo, ao mesmo tempo, atos políticos (sustentando ou afrontando o poder local); a outros, a tarefa subalterna de preparar e sustentar, pelos gestos anônimos de tratamento “literal” dos documentos, as ditas “interpretações”...

Deste modo, a divisão discursiva e social existente sobre o trabalho da leitura atualiza-se e se organiza continuamente pelo tempo, através do desenvolvimento de métodos parafrásticos de interpretação que regulam a leitura dos arquivos na história para constituição dos discursos científicos. Isto sublima o discurso científico através da língua em ebulição (pela memória de seus arquivos), segundo Pêcheux (1997: 58) forjando [...] *uma série de*

efeitos burocráticos, para não denegrir exageradamente a situação. Assim ao longo do tempo, pela proliferação dos métodos de leitura dos arquivos, e como expôs Pêcheux (1997: 59) impera a Arrogância e a condescendência fóbicas dos “literatos” [...] que [...] ameaça isolá-los mais e mais (cultural e politicamente) face a paciente e mordaz modéstia “utilitária” dos cientistas [...].

Assim, na atualidade como constatou/afirmou Pêcheux (1997: 59) estamos vivenciando uma *verdadeira reorganização social do trabalho intelectual, cujas consequências repercutirão diretamente sobre a relação de nossa sociedade com sua própria memória histórica.*

Portanto, na modernidade, cabe-nos observar o ponto em que pela e na língua o fazer de uma ciência firma seus pilares sobre essas duas grandes escolas de leituras da memória da humanidade a “literária” e “científica”. Mas que para efeitos de se dizer “científico”, apesar de seus métodos e a questão da “objetividade”, atualmente segundo Pêcheux (1997: 61) tem que assumir o [...] *fato teórico que constitui a existência da língua como materialidade específica, constantemente contornada, ignorada ou recusada pelas culturas em divórcio* só imaginariamente se dividem para afirmação do que se diz teórico e objetivo.

É necessário uma definição distinta para os atos de leituras destas culturas que comungam entre si inconscientemente, através de seus ritos de interpretação, a capacidade de atualizar a memória pelas suas paráfrases. Com isso a própria idéia, pelos efeitos de sentidos que se alteram continuamente na humanidade, fato possibilitado pela polissemia existente na língua, por isso Pêcheux (1997: 61) define que:

A cultura “literária”, por sua familiaridade mesmo com o escrito, transporta consigo evidências de leitura que atravessam a materialidade do texto, sempre tido como linguisticamente transparente, sobre tudo nos casos dos historiadores e filósofos. Quanto à cultura científica, ela finge por preocupação “metodológica” ignorar tudo do fato mesmo da língua, destina-se a tratá-la como uma materialidade qualquer. [...] ela se inscreve em um outro lugar: no espaço lógico matemático onde, outra vez, a materialidade da língua é denegada, através das ilusões da metalinguagem universal.

Segundo Pêcheux (1997: 62) o que nos possibilita ficar-moa no entremeio destes discursos, que formam as idéias da humanidade pela memória de seus arquivos historicamente constituídos, é a Análise do Discurso, *pois como disciplina do entremeio, incapaz de se dispor incondicionalmente, nem do lado dos “literatos” nem do lado dos “cientistas”,* isto posto Pêcheux (1991: 61) diz que para falar deste entremeio, a principio supõe deixar claro a

posição que será ocupada por nós, que aqui também condiz a reflexão sobre *a existência da língua como materialidade específica, constantemente contornada* por essas ciências.

Logo, na contemporaneidade, isto implica em uma leitura de “transformação do arquivo”, onde a memória “física” deste, que outrora funcionava através dos saguões das grandes bibliotecas, museus, ou seja, nas gavetas dos grandes arquivos da humanidade, na *internet* ganham outras formas de dizer, deslocando sentidos que poderiam estar retidos em um “sítio”, local que preserva a memória deste, para a grande aldeia global, lugar em que sujeitos diferentemente constituídos alcançam, através de um *clic*, esses materiais, realizando a partir daí suas próprias leituras.

Tomamos das definições de Orlandi (2005:15) para considerar que *a Análise de Discurso concebe a linguagem necessária entre o homem e a realidade natural e social. Ao entender que isto é uma proposta em que o Político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento [...]propõe [...] questões para as ciências Sociais interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se sustentam.* Partimos das considerações de Orlandi (2005:15) de que o discurso é [...]a palavra em movimento, prática de linguagem [...], tomando-as também para *compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e sua história.*

Segundo Orlandi (2005:26), visamos compreender como um material simbólico produz sentidos, ao tomarmos o discurso da História como prática que tem sua realização pela/na língua, cuja constituição, como dissera Pêcheux (1995:168) [...] *representa, por assim dizer, a forma idealista outra, da forma sujeito sob suas diversas formas da “reportagem”, a “literatura” e ao pensamento criador.*

De maneira que, pela AD tomamos o fazer desta ciência como práticas ideológicas, que segundo Pêcheux (1995:168), são [...] *reguladas por rituais nas quais as práticas se inscrevem no seio da existência de uma aparelho ideológico, mesmo que seja a mínima parte deste aparelho.* Para nós, o objeto discursivo, como este em questão, produz-se enquanto ritual, porém, não há rituais sem falhas conforme Pêcheux (2005).

Logo, as fronteiras que delimitam as práticas ideológicas constituem o lugar de deslocamentos de sentido, historicamente constituídos pela memória, sustentando as novas possibilidades de dizer sobre um objeto já dado. Isto por que segundo Pêcheux (1990:17) é através destas transgressões de fronteiras que [...] *o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição.*

De modo que, ao compreender o sentido máximo da interpelação ideológica que domina as práticas discursivas como o discurso historiográfico é tomar a História [...] *como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimentos, brechas, “uma palavra por outra é a definição da metáfora, mas também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso.* (PECHEUX, 1995, 301)

A partir desse pressuposto teórico, buscaremos compreender a constituição do discurso da história na sua relação imbricada com a língua, através dos deslocamentos de sentidos marcados no material pelo funcionamento da memória discursiva e do arquivo científico, no movimento mesmo (parafrástico) em que rompe com o seu ritual descritivo e objetivo, enquanto ciência.

A REVISTA *VEJA* SOB UM OLHAR DESCRITIVO

A revista *Veja na História*, paralelamente à sua versão impressa, possui algumas edições especiais *on-line*, que podem ser acessadas através do link: <http://veja.abril.com.br/historia/>, espaço eletrônico, que primordialmente como traz a título apresenta a seu público matérias relativas a fatos relevantes da história da humanidade.

Interessa-nos aqui, a edição dedicada aos principais acontecimentos que marcaram a Segunda Guerra Mundial e como conseqüência afetaram diretamente a “ordem mundial”. Afinal é indiscutível que conflito com tal magnitude, tem seus efeitos através sobre os sujeitos envolvidos direta ou indiretamente nele. Logo temos através da revolução das idéias a afirmação de outros modos de se pensar as formas sujeito, o que resultou naquela época em outra organização política e econômica para o mundo.

Deste rico material, através do sub-link: http://veja.abril.com.br/especiais_online/segunda_guerra/edicao001/sub0.shtml temos acesso aos cadernos desta edição *on-line* da revista, precedidos por um prefácio intitulado *Carta ao Leitor*, com o seguinte texto:

Entre 1º de setembro de 1939 e 2 de setembro de 1945, o mundo viveu o maior confronto da história da humanidade. De um lado o Bloco de países regidos por líderes totalitários tentava conquistar o planeta através da força, criando uma tirania global. Do outro, as potências democráticas – com ajuda decisiva da URSS comunista – lutavam para defender a soberania de sua aliança. No fim da contenda, a liberdade prevaleceu – mas milhões estavam mortos e o coração da civilização ocidental estava em ruínas. Foi a era mais grave e decisiva da história moderna. **Sessenta anos depois, VEJA volta no tempo para recontar os momentos mais importantes da guerra.** A revista ainda não existia naquele tempo – mas neste especial *on-line*, **VEJA simula como seria uma cobertura do conflito**, com dez edições exclusivas sobre a guerra e uma edição extra sobre a participação do Brasil. **Escritas como se a redação vivesse durante a guerra, com todos os temores e incertezas daquele período**, as revistas apresentam reportagens, fotos e frases sobre os episódios mais marcantes do conflito. As edições também retratam as personalidades da época e exibem pensamento de líderes e intelectuais em **entrevistas e artigos montados a partir de discursos, cartas e diários**. Nas páginas a seguir, a II Guerra Mundial, do drama à glória, da tragédia ao triunfo. (<http://veja.abril.com.br/historia/>, em 07 de junho 2012 às 16:00)

Vemos, através do prefácio acima, um resumo do evento reportado pela revista, e, logo após, a intenção de “simular a presença” aos acontecimentos que aconteceram há 60 anos antes da elaboração do material, por meio da releitura de

arquivos detentores da memória destes fatos na história e no tempo.

Vejo esta proposta de fazer história a partir das leituras de seus próprios arquivos, que enquanto ciência, através da língua ao desencadear parafrasticamente uma série de efeitos de sentidos, para tentar causar o efeito de presentificação do *tempo histórico do acontecimento*, como outrora feito pelo grande “literato” Machado de Assis (1997: 17) quando também pela/na língua, propôs semelhante movimento ao escrever *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, se não vejamos:

Algun tempo hesitei se devia estas memórias pelo principio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; **a segunda é que o escrito ficaria mais galante e mais novo.**

Assim *Voltar no tempo* como propõe VEJA, seria dar vozes a fantasmas, como fez o genial Machado de Assis pela materialidade específica da língua em sua consagrada obra. Logo, o movimento que tentamos compreender aqui está aí intrínseco na possibilidade dizer novamente aquilo que já foi dito, como se tudo tivesse acabado de acontecer.

Segundo Massaud Moisés (1998: 166), crítico literário da atualidade, ao comentar sobre o que classifica como “outros gêneros híbridos” até o *século XVIII a historiografia era encarada como arte, não só porque vazada em estilo literário, incluindo-se nesta aspiração, o gosto pelos expedientes históricos e os floreios de linguagem.*

Moisés (1998: 160 e 166) define em suas considerações sobre a historiografia que o método historiográfico *aplica-se quando se deseja a compreensão de um objeto na sua temporalidade*, logo compreende que *a historiografia é também fim de linha: nela o aspecto dual se atenua em favor de uma hipotética ou desejada objetividade*. Para nós, interessa saber se o discurso historiográfico que funciona pela língua e seus efeitos no tempo, no que tange o objeto aqui recortado, significa dizer, que o afloramento moderno deste discurso em espaço eletrônico neste material específico, traz consigo, não só a necessidade de descrever algo já ocorrido, mas assim como fizera Machado de Assis pelo no citado, mas sim um outro lugar de dizer.

De maneira que, conforme descreveu Pêcheux (1995: 300), *o sentido” é produzido no “non-sens” pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, assim através da memória histórica*

destes arquivos, oriundos de uma ciência de rigor metodológico *esse deslizamento não desaparece sem deixar traços no sujeito-ego da “forma-sujeito” ideológica identificada com a evidencia de um sentido*, fato constatado por Moisés (1998: 166-167) quando afirma/assume que *o texto que cada historiador elabora com vistas a exprimir sua interpretação, exhibe marcas da subjetividade, talvez inalienável ao processo histórico*.

Para análise do Discurso, este “processo histórico” descrito por Massud Moisés, segundo Pêcheux (1995: 295) partindo do pensamento marxista, significa a dizer o ponto em que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito *e se toca no impossível de uma “forma-sujeito” tomada na história como “processo sem Sujeito nem Fim(s)*. Máxima plena, chegarmos pela AD na formação ideológica, em que o indivíduo tomado pela ideologia de seu ‘tempo’ é inerte na memória existente – relendo-a, constituindo para si, nos desdobramentos do discurso na história sua leitura, que pela subjetividade inerente a formação sujeito pela/na língua, será sempre uma leitura “outra”.

UMA LEITURA DISCURSIVA

Como citado no capítulo anterior, em movimento similar ao da obra machadiana, somente pela e na língua se instauram as possibilidades de dizer/pensar determinado objeto. Esta edição *on-line* a revista *Veja na História*, reúne em seu *Laut* diferentes materialidades lingüísticas, coadunadas de forma a deslocarem sentidos para 'simular a edição como se estivessem no tempo do acontecimento' atualizando a memória em espaço eletrônico como grande arquivo da humanidade na contemporaneidade.

Para nossas observações, é necessário considerar este discurso da história, enquanto ritual inscrito no seio da humanidade, inicialmente inerente a escola literária, pela especificidade, desde seus primórdios, de sua relação intrínseca com a materialidade específica da língua. A partir do século XIX, para seu firmamento enquanto Ciência, buscou-se no rigor metodológico o desenvolvimento das leituras de seus objetos, o que em tese 'quebraria o rito inicial', fundamentalmente subjetivo para instaurar também pela/na língua o efeito de objetividade científica em seu discurso.

Conforme Pêcheux (2005), não existe ritual sem falhas, de modo que é somente na falha, que deparamo-nos com os deslocamentos de sentidos historicamente constituídos, que delimitam as possibilidades de dizeres sobre objetos já inscritos no 'tempo' pela memória. Logo podemos afirmar que os gestos de leitura dos arquivos históricos da humanidade atualizam-se consequentemente ao romperem as barreiras impostas por seus próprios rituais e, involuntariamente atualizam sua memória e sentidos no tempo, através da língua e sua materialidade simbólica.

Isto ocorreu no século XIX com a necessidade de constituir a ciência da história, explorando pela/na língua as possibilidades de dizer objetiva, adotando o rigor dos métodos de pesquisa, para apurar e relatar o que se pudesse constatar. Na contemporaneidade o que observamos em nosso objeto, é a necessidade de ser subjetivo, explorando ao máximo as possibilidades de 'representação' para atualizar em espaço virtual este discurso científico.'

Logo, a edição *on-line* da revista *Veja na História* apresenta-nos um ritual de articulação de idéias/sentidos pela e na língua, funcionando por uma memória fundamentalmente literária. Fato notório disto, aparece-nos inicialmente, quando ao invés de uma 'nota editorial', o que é recorrente em edições especiais de revistas de qualquer

segmento, somos surpreendidos por uma ‘Carta ao Leitor’, na qual é feita uma breve resenha do acontecimento histórico que será tocado, além do que nos interessa-nos aqui, as condições de produção deste material. Vejamos:

Sessenta anos depois, VEJA volta no tempo para recontar os momentos mais importantes da guerra. A revista ainda não existia naquele tempo – mas neste especial *on-line*, VEJA simula como seria uma cobertura do conflito, com dez edições exclusivas sobre a guerra e uma edição extra sobre a participação do Brasil. Escritas como se a redação vivesse durante a guerra, com todos os temores e incertezas daquele período (<http://veja.abril.com.br/historia/>, em 07 de junho 2012 às 19:08)

Objetivamente deparamo-nos com o ‘impossível’(o não real), realizando-se através da materialidade específica da língua, ou seja, o deslocamento de sentidos suficiente para dar ao editor a impressão de poder causar a seus leitores o efeito de estarem vendo os acontecimentos tais como em sua origem. É evidente que neste caso o editor está interpelado pela ideologia de possuir total controle sobre o que e como irá dizer a seus leitores.

No entanto, pela AD, sabemos que tudo quanto souberem, e assim fizerem expor sobre o determinado objeto já inscrito historicamente pela memória e pelo tempo, segundo Orlandi (2005:32), não será *suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados* isto por que as palavras [...] *significam pela história e pela língua*. Ficando, deste modo, pela AD claro que o sujeito, pela ideologia que o interpela, matém a ilusão de estar na origem do dizível o que é impossível pelo fato de existir *um [...] já dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer*.

Impelido pela ideologia de poder causar o efeito de presentificar os acontecimentos históricos, em sua capa (anexa) os editores laçam mão dos recursos tecnológicos do local em que a mesma se insere – *internet*, para expor as principais características de uma revista da época a que se reportam para ‘recontar’ episódios sobre a participação brasileira na Segunda grande Guerra Mundial, compreendendo os fatos aludidos entre os anos de 1942 e 1945, período em que o Brasil estava em plena ascensão da ditadura getulista.

Podemos destacar sobre isto alguns elementos: são poucas e objetivas as informações na capa. Exemplo: *VEJA e Leia edição especial O Brasil na Guerra*. Logo podemos observar que não há identificação de qual guerra participara o Brasil, pois, sob efeito do que se quer ‘representar’, seria desnecessária a identificação, de modo que, não há verbo no enunciado colocado como título da edição, o que não

faz referência à nem um tempo, no entanto, este silenciamento motivado pela ideologia, representa a própria possibilidade dizer do que já está dito, de modo que pela memória alcançamos a interpretação do dito através do não dito como neste caso.

Não existem anúncios publicitários na capa da revista ou em nem outra parte da edição, o que pode-se atestar a predominância das cores da pátria (verde/amarelo) em destaque para a caricatura da capa, sendo esta a de um soldado imerso nas cores da bandeira brasileira, o que obviamente faz referência tanto ao momento histórico da guerra, quanto á ideologia do governo ditatorial getulista que monitorava e regulava as matérias da época, visto ter sido instituído por um golpe de estado.

Em nota o editor informa que a ilustração da capa foi à imagem que estampou *capa da partitura da "Canção do Expedicionário"*, o que potencializou sem dúvidas os efeitos que se pretende causar através do texto (o de presentificar os acontecimentos), isto deixa evidente um discurso constituído a partir de uma leitura, sem o qual ela provavelmente as outras também não existiriam conforme Pêcheux (1997: 57) trata-se por tanto *deste enorme trabalho anônimo, fastidioso mas necessário, através do qual os aparelhos de poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva*.

Vejamos o refrão da "*Canção do Expedicionário*" hino da campanha brasileira em solo alemão (Anexo), através da FEB, Força Expedicionária Brasileira, que aparece de forma implícita neste material através da imagem da capa:

Por mais terras que eu percorra,
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá;
 Sem que leve por divisa
 Esse "V" que simboliza
 A vitória que virá:
 Nossa vitória final,
 Que é a mira do meu fuzil,
 A ração do meu boral,
 A água do meu cantil,
 As asas do meu ideal,
 A glória do meu Brasil.

(<http://www.sentandoapua.com.br/porta1/content/view/45/48/>, em 08 de junho 2012 às 22:30)

Essa relação em que os arquivos constituídos em materialidades diferentes fundamentadas pela/na língua, fio pelo qual se firmam na memória e deslocam seus sentidos pelo tempo, vem significar aqui, visto a relação de sentidos

acima, vemos a expressão máxima da tentativa de representação do ideal proposto 'o de 'recontar' acontecimentos históricos como se estes estivessem acontecendo' é neste ponto que segundo Orlandi (1994: 296) ocorre [...] *um apagamento necessário para o sujeito, de seu movimento de interpretação, na ilusão de 'dar' sentido: a produção do efeito de evidência.*

Dentre muitos efeitos de sentidos a serem explorados neste material, em especial chama a atenção o efeito de presentificação que tem como propulsor um outro efeito: o *alhures*, que segundo Pêcheux (1990: 15) está estruturado na hipótese [...] *das diferentes modalidades que expressam um desejo* [...]. Aqui, isto está marcado pela possibilidade de executar o que se propõe (*voltar ao tempo e recontar*) o que institui instantaneamente a necessidade de forjar um esquema representativo delimitado pelas possibilidades de dizer da língua, jogando conforme Pêcheux (1990: 15) [...] *no jogo variável das formas que permutam o presente o passado e o futuro* [...].

Tratemos aqui este feito de presentificação como manifestação ideológica do desejo do sujeito que se espelha no '*alhures*' desta realização pela/na língua em sua materialidade específica, realizando segundo Orlandi (2005:38) [...] *simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico*. Vejamos a formulação de Partes dos artigos desta revista, onde poderemos observar o jogo realizado com a língua:

A Declaração: Brasil às Armas: carnificina no mar do Nordeste leva país a declarar guerra contra o Eixo [...]

O Embarque: A Cobra Fumou: Força Expedicionária Brasileira embarca para Itália – Primeiro batalhão no 'front' conta com 5.000 homens [...]

Os Pilotos: Bravos Avestruzes: 1º Grupo de Caça da FAB desembarca na Itália para participar do teatro de operações [...]

Monte Castelo: Vitória, Enfim: Pracinhas tomam Monte Castelo na quarta tentativa[...]

(http://veja.abril.com.br/especiais_online/segunda_guerra/edicao especial/indice.shtml), em 08 de junho de 2012 às 00:30.

No jogo da língua, como dissemos em sua materialidade específica, podemos constatar os enunciados todos estão elaborados como se estivessem sido escritos no tempo do acontecimento, o que representa o apogeu do trabalho com a língua para do efeito de presentificar os acontecimentos através dos atos de linguagem. Logo há a 'utopia' de realização do *Alhures* o que silencia possibilidade

de falhas, isto, observando os sentidos na linearidade do discurso.

O que nos faz lembrar aqui que conforme Pêcheux (1990: 17) *é preciso levar até as últimas consequências a interpelação ideológica como ritual [...]* e pela AD isto supõe reconhecer também, que não há rituais sem falhas, de modo que, no discurso a qualquer momento uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um *acontecimento histórico*, rompendo o círculo da repetição.

Toca aqui ao ritual da escrita, diferentemente de sua leitura habitual, que se firma pela língua através de 'relatos' dos fatos metodicamente apurados, neste material como já mencionamos os editores vêem 'recontar' o que já aconteceu como afirmam, e fazem de seu texto uma *peça* como descrevera Orlandi (2005: 65) *[...] no jogo que permite o trabalho da interpretação, do equivoco. Há um espaço simbólico aberto – possibilidade do sujeito significar indefinidamente – que joga no modo como a discursividade se textualiza.*

Esta a abertura para o simbólico pela/na língua que segundo Orlandi (2005: 62-71) os *[...] sentidos se enredam, que formam filiações*, ou seja, deslizam sentidos inerentes a memória historicamente constituída a determinado objeto com a memória já existente no sujeito leitor, de modo que para a autora o sujeito-leitor *[...] se constitui na relação com a linguagem (enquanto intérprete) em função da textualidade à qual se submete.*

Então é nesta relação de leitura/interpretação que está situado o ponto de ebulição de sentidos que deslizam sobre as memórias historicamente determinadas a significar, de maneira que a textualidade, enquanto material discursivo assim como suas várias possibilidades de leituras segundo Orlandi (2005: 64), estabelece o ciclo de repetição onde repetimos com falhas, pela abertura da materialidade ao simbólico e interpretação, e como já dissemos as várias possibilidades de leitura, ficando portanto fadado ao lapso.

Lapso ou ato falho é inerente à forma do discurso, como já vimos, e segundo a Psicanalista Leila Longo (2006: 48) em sua obra *Linguagem e Psicanálise* significa:

O sujeito do inconsciente é um efeito do significante, está submetido aos significantes que lhe sucedem: o sujeito está apagado nos significantes que com eles se encadeiam – chama-se isso 'afânise do sujeito'. Em outras palavras, o sujeito para psicanálise é um efeito do significante (um efeito da linguagem): eles estão sobre os significantes e se dirige ao Outro (com "O" maiúsculo) – O inconsciente.

Tendo esta visão de sujeito, chegamos pela AD, conforme Pêcheux (1995: 91) à concepção de que o sistema da língua é de fato o mesmo para todos,

tanto [...] para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe deste conhecimento. O que significa dizer que a língua está posta a significar a todo preço a sujeitos diferentemente constituídos.

Nosso objeto, como já defendemos, enquanto material científico significando através da materialidade específica da língua, funcionando sob aspectos da ficção, conforme Pêcheux (1995: 168) tende a [...] *representar por assim dizer a forma idealista pura da forma-sujeito sob suas diversas formas, da “reportagem” à “literatura” e ao “pensamento criador”* [...].

Com exemplo disso, como fruto deste processo discursivo instaurado nos modos de dizer de uma ciência da “história”, pelas possibilidades de dizer da língua que institui a própria ficção, recortemos o seguinte trecho para reflexão acerca de seu funcionamento:

[...] as marcas trazidas do front seriam indelévels: cerca de 450 baixas, entre mortos e feridos, no que pode ser considerada a mais sangrenta envolvendo as forças brasileiras desde a Guerra do Paraguai. Foi a última peleja dos pracinhas no Velho Mundo – *e, ao menos em Montese, não seria esquecida*. [...] (http://veja.abril.com.br/especiais_online/segunda_guerra/index_flash.html, 04 de julho de 2012, 23:09 h)

Trata-se de um recorte do último artigo deste especial *on-line* da revista *Veja na História*, no qual o autor faz um balanço sobre o término do conflito. Logo quem não tiver conhecimento sobre a história na atualidade, pensará que o texto cumpre com o proposto no ritual de escrita pré-definido pelos editores – sem falhas.

No entanto, se voltarmos nossas atenções para o trecho em destaque: [...] - *e, ao menos em Montese, não seria esquecida* podemos afirmar que é justamente neste ponto que ocorre a quebra da repetição, onde afloram aí os sentidos que atualizam completamente a memória do que está exposto no tempo do acontecimento de linguagem ou seja – agora. Isto, por que conforme Longo (2006: 35) [...] *nada há no mundo que não participe da linguagem: a realidade se expressa na palavra e só existe na medida em que se possa dizê-la*.

De fato ocorreu um lapso, na utilização do verbo da locução adverbial – *não seria esquecida*, em que a formulação devida para o enredo deveria ser: **e ao menos em Montese não será esquecida**. Isto faz com o que o texto signifique diferentemente, pois para aqueles que são conhecedores da história do pós-guerra, esta expressão, de maneira sutil trará em sua

essência o *repúdio* do esquecimento a que foram submetidos os expedicionários após retornarem ao Brasil ainda no regime getulista.

Portanto, estão os sentidos acontecendo através de um ritual de escrita de uma revista científica, que circula em meio eletrônico e, ao manifestar os modos de dizer de uma ciência pela/na língua, em seu discurso, atualiza a memória dos arquivos ao inscrever na atualidade. Pelo modo que articula sua textualidade/discursividade, apresenta-nos outro modo de fazer ciência contemporaneamente, através da ficção assumindo um lugar em que a subjetividade não obscurece o que seria “objetivamente científico”, pelo contrário, é recurso fundamental para trazer a lume os fatos a que se pretende ‘reportar’ no tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender a constituição do discurso da história na sua relação com a língua, desenvolvemos aqui uma pesquisa sustentada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, conforme Pêcheux (1990) e Orlandi (2005), por onde trouxemos à luz alguns efeitos de rompimento/quebra do discurso historiográfico, como: o trabalho com a língua voltado a subjetividade através da ficção, assim como a própria falha em funcionamento dentro do próprio discurso proposto.

Com isto, chegamos à máxima teórica deixada por Pêcheux (1995: 301) quando nos afirma que *Ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha ser pensado, isto é, preciso "ousar pensar por si mesmo"*.

Logo descobrimos que as fronteiras que delimitam as práticas ideológicas constituem o lugar de deslocamentos dos sentidos pela memória e seu funcionamento no tempo assim fica-nos claro o que expôs Pêcheux (1995: 295) quando nos afirma que [...] *os homens estão determinados, na história, a pensar e a viver livremente o que não podem deixar de fazer e pensar*.

Com isto, tocamos a relação de sentidos historicamente constituídos para os discursos, das duas grandes escolas francesas de pensamento da humanidade à *Literária* e a *Científica*, o ritual instaurado a partir do século XIX (estruturalismo), as separou, e, ao longo do tempo, para sustentar a bandeira da objetividade científica as fez negar em seus discursos a relação de uma com a outra como citou Pêcheux (1997).

O presente trabalho trouxe à luz a forma como os discursos antes separados "ideologicamente" agora se unem através da língua em sua materialidade específica, para estabelecerem outra forma de dizer aquilo que já foi dito, estabelecer um fazer ciência pela língua – assumindo sua subjetividade e se expondo aos riscos das suas possibilidades interpretativas. Sem perder nada com isto, pelo contrário, como escrevera Machado de Assis (1997: 17) em Memórias Póstumas de Brás Cubas, quando explica porque quebraria o ritual padrão de escrita literária, que seria contar uma história pelo início, dizendo simplesmente que faria o oposto, pois, assim *o escrito ficaria mais galante e mais novo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIM, Machado. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Editora Klick. pp 17.

ÉMILE, Benveniste. Problemas de Lingüística Geral, in: *A Linguagem que faz a história*. Campinas, São Paulo. Editora da Universidade Estadual de campinas, pp. 29-40.

_____. Benveniste. Problemas de Lingüística Geral, in: *A Forma de Sentido da Linguagem*. Campinas, São Paulo. Editora da Universidade Estadual de campinas, pp. 220-242.

_____. Benveniste. Problemas de Lingüística Geral, in: *A Subjetividade na linguagem*. Campinas, São Paulo. Editora da Universidade Estadual de campinas, pp. 285 - 286.

FOCAUT, Michel. As Palavras e as Coisas: uma genealogia das ciências humanas. In: *O Homem e seus Duplos*. Tradução Salma Tannus Machado. Ed. Martins Fontes. São Paulo – SP, 1999, pp. 346.

LONGO, Leila. *Linguagem e Psicanálise*. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro – RJ, 2006, pp. 48.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. In: Outras expressões híbridas em: *Historiografia*. Ed. Cultrix. São Paulo. 1998, pp. 160 á 167.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. In: *II Sujeito, História, Linguagem: Condições de Produção e Interdiscurso*. Campinas – SP, Editora Pontes, 6º edição, 2005, pp. 32.

_____. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. In: *A conjuntura intelectual da Análise do Discurso*. Campinas – SP, Editora Pontes, 6º edição, 2005, pp. 25.

_____. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. In: *II Sujeito, História, Linguagem: Paráfrase e Polissemia*. Campinas – SP, Editora Pontes, 6º edição, 2005, pp. 38.

_____. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. In: *II Sujeito, História, Linguagem: Ideologia e Sujeito*. Campinas – SP, Editora Pontes, 6º edição, 2005, pp. 46.

_____. A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do Discurso. In: *O Discurso da História para Escola*. Campinas – SP, Editora Pontes, 2º edição, 1987, pp. 59-79.

_____. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. In: *Os Efeitos da Leitura na Relação Discurso Texto*. Campinas – SP, Editora Pontes, 2ª edição, 2005, pp. 59-71.

_____. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. In: *Os Efeitos da Leitura na Relação Discurso Texto*. Campinas – SP, Editora Pontes, 2ª edição, 2005, pp. 59-71.

PÊCHEUX, Michael. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. Campinas – SP, UNICAMP/IEL Setor de publicações, Trad. José Horta Nunes, 1990, pp. 7-24.

_____. Semântica e Discurso: uma Crítica á Afirmação do Óbvio. In: *Língua e Ideologia*. Campinas – SP, Editora da UNICAMP, 1995, pp. 87-94.

_____. Semântica e Discurso: uma Crítica á Afirmação do Óbvio. In: *A Forma-*

sujeito do Discurso. Campinas – SP, Editora da UNICAMP, 1995, pp. 159-180.

_____. Semântica e Discurso: uma Crítica á Afirmação do Óbvio. In: *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*. Campinas – SP, Editora da UNICAMP, 1995, pp. 293-304.

RODRIGUES, Suzy Lagazzi. Discurso e Textualidade. In: *Introdução a Ciência da Linguagem: Discurso e Textualidade*. Campinas – SP, Editora Pontes, 2006, pp. 83-100

VASCONCELOS, José Antonio. Narrar o Passado Repensar a Historia. In: *História e pós-estruturalismo*. Campinas – SP: UNICAMP Instituto de Filosofia e Ciências Humans, Organização: Margareth Rago e Renato Aloizio de Oliveira Gimenes, 2000, pp. 104-121.

REFERÊNCIA SITE

http://veja.abril.com.br/especiais_online/segunda_guerra/index_flash.html, em 04 de junho de 2012 às 23:10 horas.

<http://www.sentandoapua.com.br/portal/content/view/45/48/>, em 08 de junho 2012 às 22:30 horas.

Anexos

I	Carta ao Leitor – Layout de abertura da série especial sobre a II Guerra Mundial – da revista on-line Veja na História.
II	Layout da série especial da revista on-line Veja na História sobre a II Guerra Mundial.
III	Imagem da Capa da Edição especial sobre a participação do Brasil na II Guerra Mundial – da revista on-line Veja na História.
IV	Layout – Revista on-line sobre a participação do Brasil na II Guerra Mundial.
V	Artigo – De onde For recortado o trecho para o desenvolvimento deste trabalho.
VI	Hino da Força Expedicionária Brasileira – FEB.

Anexo I

Carta ao Leitor – Layout de abertura da série especial sobre a II Guerra Mundial – da revista on-line Veja na História.

veja NA HISTÓRIA


Outras edições

SÉRIE ESPECIAL

II GUERRA MUNDIAL

veja

CARTA AO LEITOR

FECHAR

Entre 1º de setembro de 1939 e 2 de setembro de 1945, o mundo viveu o maior confronto da história da humanidade. De um lado, um bloco de países regidos por líderes totalitários tentava conquistar o planeta através da força, criando uma tirania global. Do outro, as potências democráticas - com ajuda decisiva da URSS comunista - lutavam para defender a soberania de sua aliança, detendo a marcha do nazi-fascismo. No fim da contenda, a liberdade prevaleceu - mas milhões de pessoas estavam mortas e o coração da civilização ocidental estava em ruínas. Foi a era mais grave e decisiva da história moderna. Sessenta anos depois, VEJA volta no tempo para recontar os momentos mais importantes da guerra.

A revista ainda não existia naquele tempo — mas, neste especial on-line, VEJA simula como seria sua cobertura do conflito, com dez edições exclusivas sobre a guerra e uma edição extra sobre a participação do Brasil. Escritas como se a redação vivesse durante a guerra, com todos os temores e incertezas daquele período, as revistas apresentam reportagens, fotos e frases sobre os episódios mais marcantes do conflito. As edições também retratam as personalidades da época e exibem o pensamento de líderes e intelectuais em entrevistas e artigos montados a partir de discursos, cartas e diários. Nas páginas a seguir, a II Guerra Mundial, do drama à glória, da tragédia ao triunfo.

Carta ao leitor

Anexo II

Layout da série especial da revista on-line *Veja na História* sobre a II Guerra Mundial.

veja

NA HISTÓRIA

Outras edições

SÉRIE ESPECIAL

... II GUERRA MUNDIAL veja ...

AGOSTO DE 1945
O FIM DA GUERRA

- Capa:
A vitória dos Aliados
- A bomba atômica
- A queda de Churchill
- O mundo no pós-guerra
- Entrevista:
Harry Truman
- Ponto de vista:
Albert Einstein
- Gente:
Hermann Göring
Ezra Pound
George Bush
Mickey Rooney
Joseph Goebbels

EDIÇÃO ESPECIAL
O BRASIL NA GUERRA

- Por que o país entrou no conflito?
- A preparação improvisada das tropas
- O primeiro revés em Somocollonia
- A dura campanha em Monte Castelo
- Uma histórica conquista em Montese

• • • • • • • <

A GUERRA MÊS A MÊS

JAN 1945	FEV 1945	MAR 1945	ABR 1945	MAI 1945	JUN 1945	JUL 1945	AGO 1945	SET 1945	OUT 1945	NOV 1945	DEZ 1945
-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------

1939 • 1940 • 1941 • 1942 • 1943 • 1944 < 1945

Animações

Imagens

Filmes e sons

Editora Abril

todos os direitos reservados

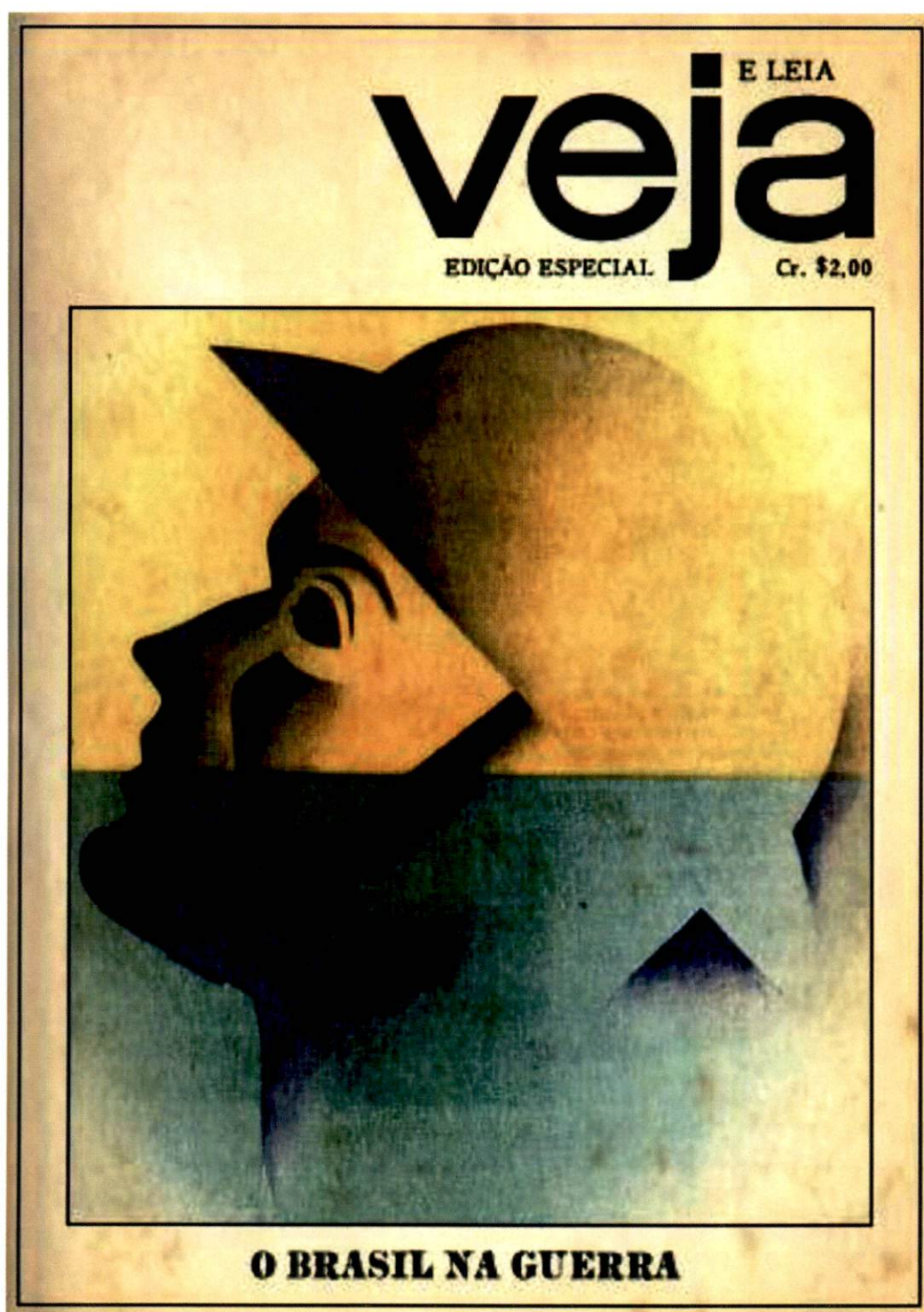
Bibliografia

Créditos

Carta ao leitor

Anexo III

Imagem Imagem da Capa da Edição especial sobre a participação do Brasil na II Guerra Mundial – da revista on-line *Veja na História*



Anexo IV

Página da revista *Veja* on-line Sobre a participação do Brasil na II Guerra Mundial

II GUERRA MUNDIAL

O maior conflito da História



— ÍNDICE —

Edição especial

Entre 1942 e 1945, o Brasil foi integrante da aliança que combateu o Eixo. Provocado pelos ataques alemães em pleno litoral brasileiro, o país decidiu ir à guerra contra Hitler. A presente edição reúne as reportagens de VEJA sobre os fatos mais importantes da guerra para o país.

Capa: ilustração que estampou a capa da partitura da "Canção do Expedicionário", hino criado para a campanha brasileira na guerra, publicada pela editora musical Irmãos Vitale. A canção é de autoria de Guilherme de Almeida (letra) e Spartaco Rossi (música).



Julho de 1944

O EMBARQUE

A Força Expedicionária Brasileira embarca para a Itália com 5.000 homens no seu primeiro batalhão; o cérebro da delegação militar nacional é o general Mascarenhas de Moraes. Preparação das tropas, contudo, é precária.

• *leia mais*



Novembro de 1944

MONTE CASTELO

Os pracinhas tomam Monte Castelo na quarta tentativa - e a conquista é estratégica para o prosseguimento da campanha Aliada pelos Apeninos. Derrotar os alemães tornara-se uma questão de honra para soldado da FEB.

• *leia mais*



Agosto de 1942

A DECLARAÇÃO

Uma carnificina no mar do Nordeste levou o governo a declarar guerra contra o Eixo. Um único submarino dos alemães afundou cinco embarcações - o que provocou quase 600 mortes. Ataques aconteceram em curtíssimo intervalo de tempo. E o presidente Vargas teve de agir.

• *leia mais*



Outubro de 1944

OS PILOTOS

O 1º Grupo de Caça da FAB desembarcou na Itália para participar do teatro de operações; a preparação para os combates incluiu treinamento nos Estados Unidos e no Panamá; tropas foram entregues a comando americano.

• *leia mais*



Abril de 1945

MONTESE

Soldados travam em Montese a batalha mais sangrenta desde a Guerra do Paraguai. Força total do país expeliu alemães da cidade italiana - e assegurou uma passagem mais tranquila dos aliados a caminho do vale do rio Pô.

• *leia mais*



O Editora Abril
todas as direitos reservados

Anexo V

Artigo – De onde For recortado o trecho para o desenvolvimento deste trabalho.

EDIÇÃO ESPECIAL: *O Brasil Na Guerra*

Abril de 1945: Montese

TOMADA SANGRENTA

Pracinhas travam em Montese batalha mais sangrenta do país desde a Guerra do Paraguai - Força total brasileira expele tropas alemãs da cidade italiana e permite uma passagem tranqüila dos Aliados rumo ao vale do rio Pó



Ímpeto descomunal: tropa da FEB avança pela rua durante a violenta conquista de Montese

Excepcionalmente neste ano de 1945, ao contrário do que versem as canções napolitanas, o mês de abril, que inaugura a temporada do amor e da primavera na Itália, revestiu-se de aventuras pouco românticas na Velha Bota. Obstinados integrantes do 5º Exército americano e do 8º Exército britânico colocaram-se em marcha para, de uma vez por todas, escorraçar os alemães do Norte da península. Nessa violenta dança, também os pracinhas tomaram parte. Ligada ao 4º Corpo, a Força Expedicionária Brasileira foi encarregada, por sugestão do próprio general Mascarenhas de Moraes, de derrotar as tropas alemãs que ocupavam a região de Montese - obstáculo para a passagem dos aliados rumo ao vale do rio Pó.

A ação envolveu, pela primeira e única vez, as guarnições da artilharia, os três regimentos de infantaria e o esquadrão de reconhecimento verde-amarelos. O 3º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria, que avançaria rumo a Serreto-Paravento-Montelo, estava no centro da formação ofensiva, sendo sua peça principal. À direita, alinhava-se o 2º Batalhão, e à esquerda, o 1º. Assim, no dia 14 de abril, às 13h30, os brasileiros atacaram Montese, fazendo sua estréia na traiçoeira guerra urbana - bem mais complicada que os combates na montanha, por literalmente esconder um problema em cada esquina.

Marcas indelévels - O avanço-mestre dos soldados nacionais era observado de camarote pelos comandantes conterrâneos em Sassomolare, que fornecia perfeita visão de Montese. Estes presenciaram uma evolução nota dez dos pracinhas, que penetraram na defesa inimiga e lancetaram os tedescos com ímpeto descomunal. Um dia depois da invasão, os soldados de Adolf Hitler começavam a ser varridos de Montese. A tomada da cidade concretizou-se no dia 16, com o apoio do 6º Regimento de Infantaria.

Ao final dos combates, Montese estava praticamente arrasada: das 1.121 casas do burgo, nada menos que 833 foram destruídas. A pugna também ceifou 189 munícipes. A Força Expedicionária Brasileira levou a cabo uma campanha irrepreensível quanto à conquista do objetivo, mas as marcas trazidas do front seriam indeláveis: cerca de 450 baixas, entre mortos e feridos, no que pode ser considerada a mais sangrenta batalha envolvendo forças brasileiras desde a Guerra do Paraguai. Foi a última grande peleja dos pracinhas no Velho Mundo - e, ao menos em Montese, não seria esquecida. Em homenagem aos "generosos libertadores" - como os expedicionários ficariam conhecidos na região -, uma das praças da cidade ganhou o epíteto de Piazza Brasile. *Giusto, giustissimo.*

Anexo VI

Hino da Força Expedicionária Brasileira – FEB

Você sabe de onde eu venho ?
 Venho do morro, do Engenho,
 Das selvas, dos cafezais,
 Da boa terra do coco,
 Da choupana onde um é pouco,
 Dois é bom, três é demais,
 Venho das praias sedosas,
 Das montanhas alterosas,
 Dos pampas, do seringais,
 Das margens crespas dos rios,
 Dos verdes mares bravios
 Da minha terra natal.

Por mais terras que eu percorra,
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá;
 Sem que leve por divisa
 Esse "V" que simboliza
 A vitória que virá:
 Nossa vitória final,
 Que é a mira do meu fuzil,
 A razão do meu boral,
 A água do meu cantil,
 As asas do meu ideal,
 A glória do meu Brasil.

Eu venho da minha terra,
 Da casa branca da serra
 E do luar do meu sertão;
 Venho da minha Maria
 Cujo nome principia
 Na palma da minha mão,
 Braços mornos de Moema,
 Lábios de mel de Iracema
 Estendidos para mim.
 Ó minha terra querida
 Da Senhora Aparecida
 E do Senhor do Bonfim!

Por mais terras que eu percorra,
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá;
 Sem que leve por divisa
 Esse "V" que simboliza
 A vitória que virá:
 Nossa vitória final,
 Que é a mira do meu fuzil,
 A razão do meu boral,
 A água do meu cantil,
 As asas do meu ideal,
 A glória do meu Brasil.

Você sabe de onde eu venho ?
 E de uma Pátria que eu tenho
 No bôjo do meu violão;
 Que de viver em meu peito
 Foi até tomando jeito
 De um enorme coração.
 Deixei lá atrás meu terreiro,
 Meu limão, meu limoeiro,
 Meu pé de jacarandá,
 Minha casa pequenina
 Lá no alto da colina,
 Onde canta o sabiá.

Por mais terras que eu percorra,
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá;
 Sem que leve por divisa
 Esse "V" que simboliza
 A vitória que virá:
 Nossa vitória final,
 Que é a mira do meu fuzil,
 A razão do meu boral,
 A água do meu cantil,
 As asas do meu ideal,
 A glória do meu Brasil.

Venho do além desse monte
 Que ainda azula o horizonte,
 Onde o nosso amor nasceu;
 Do rancho que tinha ao lado
 Um coqueiro que, coitado,
 De saudade já morreu.
 Venho do verde mais belo,
 Do mais dourado amarelo,
 Do azul mais cheio de luz,
 Cheio de estrelas prateadas
 Que se ajoelham deslumbradas,
 Fazendo o sinal da Cruz !

Por mais terras que eu percorra,
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá;
 Sem que leve por divisa
 Esse "V" que simboliza
 A vitória que virá:
 Nossa vitória final,
 Que é a mira do meu fuzil,
 A razão do meu boral,
 A água do meu cantil,
 As asas do meu ideal,
 A glória do meu Brasil.